

Conrad Pichler

MANUAL DIGITAL DO PROFESSOR

HISTÓRIAS DE
TIRAR O SONO



Conrad Pichler

MANUAL DIGITAL DO PROFESSOR



HISTÓRIAS DE
TIRAR O SONO



© Conrad Pichler

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Diretora comercial
Patth Pachas

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistente editorial
Olivia Tavares

Preparação
Beatriz de Freitas Moreira

Revisão
Ronald Polito

Diagramação
Paula Korosue / Estúdio Namie

2022

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei no 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

1. Carta ao professor	5
2. Por dentro do livro	6
2.1. Sinopse da obra	6
2.1.1. "O travesseiro de penas", de Horacio Quiroga	7
2.1.2. "Dormir, dormir", de Anton Tchekhov	7
2.1.3. "O gato do Brasil", de Arthur Conan Doyle	7
2.1.4. "O retrato oval", de Edgar Allan Poe	7
2.1.5. "A marca da nascença", de Nathaniel Hawthorne	8
2.1.6. "Solange", de Alexandre Dumas	8
2.1.7. "A casa velha da alameda Vauxhall", de Charlotte Riddell	8
2.1.8. "O carro violeta", de Edith Nesbit	8
2.1.9. "Um fantasma", de Guy de Maupassant	8
2.1.10. "A senhorita de Scuderi", de E. T. A. Hoffmann	8
2.1.11. "O beliche superior", de Francis Marion Crawford	9
2.1.12. "Uma promessa quebrada", de Lafcadio Hearn	9
2.1.13. "Sredni Vashtar", de Saki	9
2.2. Biografia das tradutoras e do ilustrador	9
2.2.1. Regina Drummond	9
2.2.2. Taciana Ottowitz	10
2.2.3. Anthony Mazza	10
2.3. A obra e a BNCC	10
2.3.1. Texto e contexto: uma interação	11
2.3.2. Os contos e a pluralidade cultural	12
2.3.3. Fruição da linguagem literária e outras questões estéticas	13
2.3.4. As competências da BNCC e as atividades deste manual	14
2.4. Temáticas de <i>Histórias de tirar o sono</i>	14
2.4.1. Ficção, mistério e fantasia	14
2.4.2. Inquietações da juventude	15
2.4.3. Diálogos com a sociologia e a antropologia	15
3. Proposta de atividade I	16
3.1. Antes da leitura da obra	16
3.1.1. Motivando a leitura a partir de sinopses	16
3.1.2. Para antecipar arrepios: paratextos e temáticas dos contos	17
3.2. Durante a leitura da obra	19
3.2.1. Narradores sabe-tudo e narradores pouco confiáveis	19
3.2.2. Enredo do conto, trama psicológica	22

3.3. Após a leitura da obra	25
3.3.1. Zines de tirar o sono	25
3.3.2. Videorresenha: choros e ranger de dentes	27
4. Propostas de atividades II	28
4.1. Texto e contexto das <i>Histórias de tirar o sono</i>	28
4.2. Grotesco de dar medo, sublime de tirar o sono	31
5. Aprofundamento	33
5.1. As convenções do fantástico	33
5.2. O narrador infiel	35
5.3. A estrutura do conto fantástico	36
5.4. O microconto e o compartilhamento eletrônico	37
6. Sugestões de referências complementares	38
6.1. Antologias e contos fantásticos	38
6.2. Biografia de autor	38
6.3. Teoria do conto e do conto fantástico	39
6.4. Filmes e séries	39
7. Competências e habilidades da BNCC	39
7.1. Linguagens e suas Tecnologias	39
7.2. Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	41
8. Bibliografia comentada	42

1. CARTA AO PROFESSOR

Caro professor,

A leitura é um grande mistério. Por que encontramos prazer ao ler algumas páginas? Por que ficamos fixados em certo número de palavras, suas formas e seus sentidos? Por que em algum momento perdemos o sono, a vontade de comer ou mesmo um compromisso simplesmente para ler? Isso tudo é um mistério também. Mas parte desse grande enigma é dissolvido diante de boas histórias. São elas que fixam o leitor mais desatento e os lançam para dentro de páginas e mais páginas de palavras que ganham forma, cor e movimento nos meandros da imaginação.

Você já deve ter reparado que entre as discussões sobre modalidades de leitura, alfabetização e letramento, ao lado de discussões sobre personagens, temas, narrativas, diálogos e falas, o leitor sempre vai preferir falar (e falar!) sobre as histórias, o mais fielmente que suas paixões permitam. A antologia *Histórias de tirar o sono* é composta de 13 contos memoráveis – 13 histórias do insólito, do estranho, do fantástico, do suspense e do terror. Cada uma delas está repleta de assuntos (medos, sustos e polêmicas) capazes de abastecer um sem-número de leituras em voz alta e silenciosas, leituras dramatizadas, rodas de leitura, leituras ao redor do fogo...

É por isso que vamos nos concentrar neste eixo: a leitura. Neste *Manual digital do professor* objetivaremos a cada instante oferecer uma chave de leitura, um caminho possível de interpretação. Mesmo quando escrutinamos as leis e outras referências do nosso ofício de ensinar, podemos seguir por caminhos que nos façam avançar na formação dos leitores que somos e dos leitores que estão conosco, os estudantes. É possível que, mesmo com propostas ousadas de ensino, foco na aprendizagem e um tanto de esforço didático, o que faça um estudante do Ensino Médio se tornar um bom leitor é o interesse genuíno por uma cativante história de fantasmas, um caso insolúvel de assassinato, uma doença incurável ou um desaparecimento inexplicável.

O estudante-leitor apaixonado por personagens e histórias se debruça sobre o conto como quem estivesse a viver o que é narrado, conta aos amigos como se fossem suas aquelas vivências, porque é, afinal, sua a lembrança do conto. Nesse aspecto, a literatura vai direto ao ponto: focaliza temas, os personagens são seus companheiros, o enredo é o seu fio condutor. Tudo isso em um número restrito de páginas. A literatura de ficção – seja ela o fantástico e o terror, como nesta coletânea, ou a ficção científica e os enigmas detetivescos – é uma grande parceira para levar os estudantes a ler todos os dias.

Em uma turma com leitores em diversos níveis de proficiência, essa literatura de gênero permite aos estudantes obter informações para interagir com os outros leitores. As releituras dos 13 contos desta antologia oferecem a possibilidade de o leitor em formação entrar em contato com os autores que tornaram o conto um dos gêneros mais apreciados da literatura. Cada um deles guarda muito bem aspectos dos estilos e das escolhas estéticas de seus autores originais. Ou seja, o aluno lê um pouco de Edgar Allan Poe, de Anton Tchekhov, de Conan Doyle, de Charlotte Ridell, de Edith Nesbit... e, pouco a pouco, pode dizer que tem um repertório variado.

Não há vestibular para se tornar leitor, torna-se leitor lendo. Essa deve ser uma das razões pelas quais as práticas de leitura ganharam certo protagonismo na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), porque ativar e desenvolver as habilidades de leitura é um eficiente movimento para tornar estudantes cada vez mais preparados para enfrentar as complexidades do estudo de todos os componentes curriculares.

Como afirmamos anteriormente, nas páginas a seguir deste *Manual digital do professor* você poderá encontrar algumas chaves de leitura para ingressar, junto com os estudantes, na investigação dos contos apresentados. Abaixo estão listadas algumas delas:

- Sinopse detalhada de cada conto.
- Biografia das tradutoras.
- Análise das competências gerais e específicas da área de Linguagens e suas Tecnologias, observando suas relações com a coletânea de contos e seu papel literário e didático.
- Atividades engajadoras e desafiadoras para os estudantes.
- Aprofundamento teórico com informações sobre o gênero conto e os autores dos textos originais.
- Conteúdos multissemióticos adicionais e complementares para enriquecer a leitura dos textos apresentados.
- Descritivo das competências e habilidades mobilizadas em cada uma das atividades propostas, assim como a bibliografia comentada.

Voltando ao começo, todo o esforço feito aqui teve um objetivo maior: proporcionar a você, professor, e aos estudantes, uma experiência leitora que possa ser compartilhada, multiplicada e que se torne, pouco a pouco, permanente. Por isso, não perca o sono. Vamos juntos.

2. POR DENTRO DO LIVRO

2.1. SINOPSE DA OBRA

A antologia é composta de 13 contos de diversos autores, de culturas diferentes, cobrindo quase um século de produção literária. Essa pluralidade também está presente nos temas ou assuntos abordados: a doença inexplicável, o trabalho infantil, a natureza selvagem, a obsessão pela perfeição, o desencontro com a história, os fantasmas reais e imaginários, o crime e o poder do desejo... Seja como for, cada uma das 13 histórias e seus narradores e personagens são únicos.

De certa forma, porém, todos esses textos pertencem a uma mesma linhagem que se desenvolveu particularmente bem no início do século XIX e permaneceu em seu auge por mais um século. Todos eles são contos fantásticos, das mais diversas expressões: do insólito (“O travesseiro de penas”, “Dormir, dormir”, “O gato do Brasil”, “A senhorita de Scuderi”), do estranho (“A marca de nascença”,

“Sredni Vashtar”), do fantástico (“O retrato oval”, “O carro violeta”, “Solange”) ou de terror (“A casa velha da alameda Vauxhall”, “Um fantasma”, “O beliche superior”, “Uma promessa quebrada”).

A seguir, conheça as sinopses dos 13 contos que compõem a coletânea *Histórias de tirar o sono*. Na atividade “Motivando a leitura a partir de sinopses” (p. 16), você poderá encontrar uma sugestão de uso dessas sinopses para engajar os estudantes em suas leituras.

2.1.1. “O TRAVESSEIRO DE PENAS”, DE HORACIO QUIROGA

Narrado em terceira pessoa, esse conto do uruguaio Horacio Quiroga conta a história de uma moça recém-casada que começa a adoecer inexplicavelmente. A despeito de todas as atenções do marido, dos empregados domésticos e dos médicos, ela vem a falecer. Mas qual será a razão para a sua partida? Nem o narrador nem os personagens parecem oferecer pistas de como responder a essa pergunta. Há apenas o corpo imóvel da jovem dama sobre a cama para uma eloquente demonstração de quanto o mundo pode ser estranho bem junto aos nossos olhos.

2.1.2. “DORMIR, DORMIR”, DE ANTON TCHEKHOV

A narrativa de Tchekhov começa do ponto mais realista possível: uma menina cuida de uma criança, esse era seu trabalho. Com medo de punição, a menina evita dormir. No entanto, pouco a pouco sua mente – e aparentemente todo o ambiente que a cerca – opõe-se a esse cuidado e ela passa a lutar contra o desejo de dormir, de descansar; ela passa a mergulhar e retornar do oceano dos sonhos, das ilusões... Quanto essa garota poderá suportar? E como ela poderá terminar sua tarefa de cuidar da criança? Aqui o estranho e o insólito estão no limiar do que se passa entre as camadas profundas do pensamento e da alma dessa menina.

2.1.3. “O GATO DO BRASIL”, DE ARTHUR CONAN DOYLE

Contada como um caso de família, de incrível banalidade, o conto de Conan Doyle, conhecido pelas histórias detetivescas de Sherlock Holmes, pouco a pouco vai ganhando ares sombrios. Dessas sombras, vão surgindo as verdadeiras feras que assombram os nossos terrores noturnos, pois sombrio não é apenas o gato selvagem do Brasil, mas também a própria alma humana.

2.1.4. “O RETRATO OVAL”, DE EDGAR ALLAN POE

Perdido no meio da noite e de uma tempestade, um homem procura abrigo em um antigo palácio e lá encontra a decadência do que outrora fora um lar requintado. Nas paredes, uma coleção inestimável de retratos. Um deles, porém, um retrato em uma moldura oval, parece querer chamar a atenção desse pobre viajante sem sono – ou seria apenas a imaginação dele? Para se distrair, ele decide ler ao acaso um dos livros de cabeceira. Entre eles encontra um pequeno catálogo dos retratos, e naquelas páginas, para a sua surpresa, aquele particular retrato oval tem toda a sua história narrada – uma história fantástica de obsessão.

2.1.5. "A MARCA DE NASCENÇA", DE NATHANIEL HAWTHORNE

A obsessão também é a marca desse conto de Hawthorne. Narrado em terceira pessoa, conhecemos um casal apaixonado cujo único empecilho é justamente uma pequena marca de nascença na bochecha da bela moça. Aos poucos, a marca se torna o centro da história e tanto os personagens como o leitor não podem mais se desviar de sua presença. Para resolver a questão, o jovem amante, um estudioso de alquimia, prepara um elixir para remover a marca de sua amada, mas o resultado não foi o que eles esperavam.

2.1.6. "SOLANGE", DE ALEXANDRE DUMAS

Para se livrar do período de Terror que se instalou em seguida à Revolução Francesa, um promissor estudioso consegue ajudar o pai de uma moça de ascendência nobre a fugir para a Inglaterra. Eles se apaixonam e passam a viver juntos. Ele continua a estudar, naquele momento fazendo uso dos corpos e – em especial – das cabeças dos guilhotinados pelo Terror... Com isso, a insegurança continua envolvendo o casal, até que o medo de serem descobertos dá lugar ao desespero.

2.1.7. "A CASA VELHA DA ALAMEDA VAUXHALL", DE CHARLOTTE RIDDELL

Brigado com o pai, um jovem aristocrata resolve sair de casa até que possa provar sua coragem e valentia, e para isso decide ingressar no Exército. Antes de alistar-se, passaria aquela noite abrigado de favor na casa alugada por um servo. Por trabalhar à noite, o servo deixa a casa aos cuidados do jovem, mas um desfile de fantasmas não o deixa dormir. Ao descobrir que aqueles espectros procuravam um tesouro que haviam guardado, o jovem decide que passará mais uma noite a investigar. E o que lhe acontece é uma verdadeira aventura.

2.1.8. "O CARRO VIOLETA", DE EDITH NESBIT

Uma jovem enfermeira conta a sua história: ela foi contratada para cuidar de uma senhora em uma casa de campo após a perda de sua filha. Aos poucos, a jovem enfermeira vai elucidando, ou tentando elucidar, a dinâmica do casal: o marido parece precisar mais de sua atenção do que a velha mulher. Quando chega ao centro da história, talvez não reste nada mais à jovem enfermeira senão acreditar nas estranhas visões de um homem em luto.

2.1.9. "UM FANTASMA", DE GUY DE MAUPASSANT

Para ajudar um amigo de outrora, um jovem oficial vai até uma cabana afastada da cidade. O que parecia ser um passeio a cavalo aconchegante torna-se uma experiência angustiante. Que tipo de fantasma pode provocar tamanha impressão em um jovem tão corajoso?

2.1.10. "A SENHORITA DE SCUDERI", DE E. T. A. HOFFMANN

Uma série de crimes. Uma coleção de joias. Uma poeta. Um ourives. Um casal apaixonado. Um juiz implacável. Esses são os elementos postos em um jogo de vida e morte contado por E. T. A. Hoffmann,

ambientado em uma Paris pré-revolucionária. O conto aborda como a inteligência, os instintos e a perspicácia de uma escritora podem ser a chave para solucionar um mistério... no qual ela está totalmente envolvida.

2.1.11. "O BELICHE SUPERIOR", DE FRANCIS MARION CRAWFORD

Em uma sala cheia de contadores de más histórias, um homem parece ter a narrativa que pode prender a atenção de todos os ouvintes: no meio do oceano, os problemas com uma cabine de navio, aparentemente acima de qualquer suspeita, atrapalham uma viagem que começara muito agradavelmente. Aos poucos, porém, vai se revelando que, mais do que problemas estruturais ou de manutenção, esse navio está repleto de sangrentos mistérios que tornam a emergir a cada viagem... e exigem ser solucionados!

2.1.12. "UMA PROMESSA QUEBRADA", DE LAFCADIO HEARN

No distante Japão, um samurai perde sua esposa, mas não antes de lhe fazer uma promessa de fidelidade eterna. Promessa essa que é quebrada e cujas consequências são terríveis! Nessa história, a forma e a malignidade do sobrenatural ficam diante dos olhos do leitor, para a profunda tristeza de um orgulhoso samurai.

2.1.13. "SREDNI VASHTAR", DE SAKI

O poder do desejo. Ele existe. Aqui, um garotinho motivado pela raiva e pelos maus-tratos que sofre de sua tutora cria seu próprio mundo, com um pequeno deus particular – um furão dentro de uma gaiola. O garoto o venera e pede insistentemente a ele que o ajude. Mas e se esse pequeno deus decidir ajudá-lo em seu desejo mais obscuro?

2.2. BIOGRAFIA DAS TRADUTORAS E DO ILUSTRADOR

A biografia das autores da **tradução e adaptação** também é um importante passo para conhecer o contexto de produção da coletânea. Você poderá perceber que as releituras dos contos de terror foram produzidas por pessoas que têm laços profundos com a produção cultural, sobretudo com a promoção da leitura, e isso se faz evidente quando percebemos que essas "interpretações" dos contos mantêm bastante fidelidade ao material original, com seus desafios de compreensão, de desenvolvimento temático, de construção da linguagem literária, mas são compostas com a simplicidade necessária para introduzir o jovem leitor a um novo universo de leituras.

2.2.1. REGINA DRUMMOND

Regina Drummond é mineira, formada em língua e literatura francesas. Hoje vive em Munique, na Alemanha. Ela é autora de muitos livros, peças de teatro (em que atua também), é contadora de histórias e tradutora. Seus livros receberam vários prêmios e o reconhecimento em programas de estímulo à

leitura, sendo agraciados com o selo “altamente recomendável”. Além de sua produção literária, Regina Drummond também oferece cursos, palestras e narração de histórias para professores e estudantes. Participou de várias feiras e bienais, nacionais e internacionais, e foi como coordenadora do Espaço das Atividades Infantis da Bienal Internacional do Livro de São Paulo, ao longo da década de 1990, que passou a se dedicar à tarefa de difundir a leitura por meio de projetos como “O Escritor na Cidade”, “Gosto de Ler”, “O Escritor na Biblioteca”, “Paixão de Ler” e “ProLer”.

2.2.2. TACIANA OTTOWITZ

Taciana Ottowitz, nascida na Inglaterra, é uma autora muito brasileira. Estudou economia, com doutorado em economia agrícola brasileira, inglesa e alemã. E foi na Alemanha, onde mora há 25 anos, que se dedicou à sua segunda paixão: a história da arte. Tornou-se ilustradora de livros infantis publicados em diversas editoras do Brasil e, na Alemanha, ilustra materiais científicos. Para se especializar, estudou ilustração botânica no Royal Kew Gardens, em Londres. Além dos mais de trinta títulos publicados, Taciana Ottowitz é tradutora e busca nas suas releituras de obras conhecidas manter as características do estilo de textos dos autores originais, aproximando-os dos leitores em língua portuguesa.

2.2.3. ANTHONY MAZZA

Anthony Mazza é paulistano e nasceu em 1994. Ele desenvolveu seu talento para ilustração e pintura sozinho, é autodidata. Em 2018 foi o responsável pela arte da nova edição do livro *No coração da Amazônia*, de Manuel Filho, livro ganhador da categoria infantojuvenil do Prêmio Jabuti em 2008. Anthony Mazza, além de produzir ilustrações para diversas casas editoriais do Brasil, também é quadrinista e, em 2019, lançou seu primeiro álbum, *Senza paura*, pela editora italiana Oblomov Edizioni, em que apresenta sua visão sobre a imigração italiana em sua cidade natal, São Paulo.

2.3. A OBRA E A BNCC

A Base Nacional Comum Curricular apresenta os princípios técnicos para aplicação de um currículo da Educação Básica de abrangência nacional, tanto para as redes públicas quanto para a rede privada de ensino. É possível observar que muito de seu conteúdo dialoga diretamente com o perfil curricular definido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) instituídos – de forma mais explícita – a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (nº 9.394/96). A Base Nacional Comum Curricular, porém, é a própria proposta curricular, que, de segmento a segmento, área a área, componente a componente, organiza e classifica os conteúdos, as competências, as habilidades, os eixos e mais uma quantidade bastante detalhada de informações que tornam mais precisas as práticas didáticas escolares. A BNCC ainda abre espaço para a inserção de outros conteúdos, competências e habilidades que sejam mais particularizados em cada uma das redes, das comunidades e das escolas, tornando o currículo mais adaptável às realidades locais, sua pluralidade e desafios educacionais.

No que tange à área de Linguagens e suas Tecnologias, a BNCC do Ensino Médio se organiza em competências, habilidades e campos de atuação. Podem ser identificados alguns eixos como leitura, produção de textos, análise linguística e outros, que atravessam os vários campos de atuação da linguagem na vida do estudante. Esses campos de atuação são os artístico-literários, da atuação pública, da vida pessoal, da produção midiática e das práticas de estudo e pesquisa. Cada um deles compreende algumas habilidades que remetem, de forma mais ou menos evidente, a práticas de um ou mais eixos.

A partir desses campos e eixos que organizam as práticas da linguagem podemos delimitar o espaço a ser ocupado por esta coletânea: os contos aqui apresentados estão no campo artístico-literário, dada sua literalidade; por sua função de objeto (para)didático de leitura, essa coletânea é também instrumento formador de leitores a partir das práticas de leitura apresentadas na BNCC, como veremos a seguir.

Em suma, este livro pretende colaborar para a formação de leitores e contribuir para o aperfeiçoamento do hábito de leitura dos estudantes – compreendidos aqui como sujeitos de sua construção psicossocial, em que a leitura do texto literário pode ser fundamental. Além disso, acreditamos que a partir das práticas escolares e coletivas os estudantes possam ser cada vez mais agentes da cidadania em suas comunidades, tanto no âmbito local quanto globalmente.

De acordo com a BNCC (2018, p. 9), o estudante poderá desenvolver, ao longo de sua passagem pelo Ensino Médio, a primeira das competências gerais apresentadas de “Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva”. Na leitura dos contos presentes nesta coletânea, isso se dá quando o estudante atribui sentidos aos contextos histórico, social e cultural envolvidos em cada um dos textos que lê. E isso só se torna evidente quando você, professor, e os estudantes-leitores escrutinam as relações sociais que se estabelecem entre os personagens. Por exemplo, a condição de trabalhadora da menina de 13 anos de “Dormir, dormir”; a perseguição política sofrida por Solange, personagem do conto homônimo; ou o papel opositor desempenhado pelo juiz em “A senhorita de Scuderi”. Cada uma dessas percepções pode levar a turma a dialogar e a debater sobre temas que ainda hoje são relevantes: o trabalho infantil, a perseguição política e a necessidade de independência e imparcialidade do Poder Judiciário.

2.3.1. TEXTO E CONTEXTO: UMA INTERAÇÃO

Aprofundando esse diálogo, os estudantes podem compreender que, na prática da criação – e da leitura – literária, há certa liberdade que permite discutir temas sociais, tabus e preconceitos de forma muito aberta, porém não descolada de seus contextos de produção, e também não sem buscar a relação desses temas com o contexto dos estudantes, balizados pelos princípios éticos que regem nossa sociedade, como os direitos humanos. A **competência específica 2** da área de Linguagens e suas Tecnologias está descrita da seguinte maneira na BNCC:

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 490)

E desenvolvê-la só é possível quando a **competência específica 1** da área de Linguagens e suas Tecnologias também é posta em prática:

Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo. (BRASIL, 2018, p. 490)

Em suma, a interpretação crítica da realidade só se dá quando temos certo domínio sobre as diferentes linguagens e as práticas sociais associadas a elas. Por essa razão, os conteúdos de leitura literária têm fundamental importância para a atuação social dos alunos, porque permitem “mobilizar conteúdos” de forma bastante livre e que se tornam cada vez mais consistentes à medida que são confrontados com seus contextos de produção e recepção.

Para além da atuação coletiva, pode-se perceber a importância da literatura para o desenvolvimento pessoal e individual do sujeito-leitor, por exemplo, ao se deparar com textos que interpenetram a realidade contextual e a psique e subjetividade de um narrador-personagem ou personagem aparentemente perturbado (como em “O retrato oval” ou “O carro violeta”). Neles o leitor pode vislumbrar, segundo as competências gerais da BNCC, “os componentes da diversidade humana, reconhecendo suas emoções e as dos outros”, e assim desenvolver – ainda que de maneira mediada pelo texto e pelo professor – a auto-crítica e a capacidade para lidar com essas emoções.

Ao lado disso, quando se veem refletido no texto, durante o processo de compartilhamento de experiências, os estudantes podem exercitar a empatia, o diálogo e, ao perscrutar os meandros dos conflitos psicossociais que as narrativas evocam, podem buscar as suas resoluções a partir da cooperação, trazendo para a cena da aula o respeito mútuo e os direitos humanos universais. Isso também é, à sua maneira, como define a **competência geral 2** da Educação Básica (BNCC), uma forma de

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas. (BRASIL, 2018, p. 9)

2.3.2. OS CONTOS E A PLURALIDADE CULTURAL

As 13 histórias desta antologia são marcadas pela pluralidade – há contos uruguaios, ingleses, franceses e com inspiração japonesa, uma cultura migrante que tem no Brasil sua maior representatividade fora do Japão. Cada um deles reflete momentos sócio-históricos e contextos culturais diversos que abarcam costumes coletivos e ações individuais – representados pelos personagens –, o que por si só é um incentivo à interação com saberes, identidades e potencialidades diversas, ultrapassando as barreiras dos prejulgamentos e da discriminação. Isso dialoga diretamente com a **competência geral 6** da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (BRASIL, 2018, p. 9)

Claramente, esse diálogo com a diversidade não se faz apenas pela leitura de um conto, mas pela ação de conciliar os repertórios dos alunos, apontando caminhos de convergência entre eles e, por outro lado, oferecer leituras das mais variadas materialidades multissemióticas que permitam ao estudante seguir cada vez mais com autonomia, responsabilidade e determinação, porém com a flexibilidade e a resiliência que as interações democráticas do cotidiano exigem. Isso também dialoga com o que versa a **competência específica 3** da área de Linguagens e suas Tecnologias:

Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global. (BRASIL, 2018, p. 490)

Há de fato uma distância significativa entre ler sobre princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários em um texto (literário ou não literário) e vivenciá-los. Contudo, um dos papéis da literatura é, justamente, tornar presente uma experiência não para antecipá-la, mas para torná-la menos opaca ao sujeito-leitor, e é por isso que podemos dizer que a experiência mediadora do texto com a vida é um de suas funções mais significativas. Esses princípios que regem as competências gerais da BNCC também aparecem nas competências específicas da área de Linguagens e suas Tecnologias. Na **competência específica 4** pode-se ler o seguinte:

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 490)

2.3.3. FRUIÇÃO DA LINGUAGEM LITERÁRIA E OUTRAS QUESTÕES ESTÉTICAS

Já abordamos anteriormente que a leitura dos contos da coletânea permite uma interação com o chamado campo artístico-literário, que, por suas práticas de linguagem únicas, permite discussões muito livres do ponto de vista de temas. Contudo, parte da leitura do texto literário se dá também pela relação forma-função, isto é, a composição do gênero textual conto moderno e seus estruturantes são também igualmente significativos na recepção do texto.

O conto moderno, em específico em seus gêneros fantástico, estranho, insólito e de terror, tem como pedra angular a estética gótica romântica, que se desenvolveu a partir do final do século XVIII e início do século XIX, até meados do século XX. O que é perceptível pelo seu apreço à combinação do grotesco e do sublime, que surge na literatura alemã, mas alça altos voos nas línguas inglesa e francesa. É justamente o resultado desse desdobramento estético e literário que o estudante pode conferir nas 13 histórias da antologia, permitindo a ele “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural”, como destacado na **competência geral 3** da Educação Básica (BNCC).

É necessário, porém, mediar com os alunos as particularidades de cada conto, pois cada um deles tem seu brilho único. Cada conto expressa suas próprias dinâmicas e as escolhas estéticas dos seus autores: os casos peculiares contados em terceira pessoa muitas vezes explicitam um mundo maravilhoso

– e terrível – que subjaz à nossa aparente realidade; outros contos, narrados em primeira pessoa, põem em dúvida a sanidade e a autenticidade dos relatos, o que faz o próprio leitor questionar-se sobre o que lê... Como registrado na **competência específica 6** da área de Linguagens e suas Tecnologias, isso permite ao estudante:

Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BRASIL, 2018, p. 490)

2.3.4. AS COMPETÊNCIAS DA BNCC E AS ATIVIDADES DESTE MANUAL

No item “Aprofundamento” (p. 33) você encontrará algumas sugestões para mergulhar em cada conto dialogando com suas particularidades, e no item “Sugestões de referências complementares” (p. 38) há indicação de materiais complementares para diversificar a apresentação dos contos e promover maior engajamento de sua turma. Nessas seções, sugerimos algumas práticas que se utilizam as tecnologias digitais de informação e comunicação para que o estudante, de maneira autônoma e protagonista, possa acessar e disseminar saberes e suas produções de linguagem, ou solucionar problemas. Esse aspecto geral também encontra reflexo na **competência específica 7** da área de Linguagens e suas Tecnologias:

Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 490)

Para isso, os estudantes devem dialogar de forma bastante intensa em sala de aula, interagindo uns com os outros, com os textos dos contos, com outros textos multissemióticos, formulando, negociando e defendendo ideias, baseando seus argumentos em “fatos, dados e informações confiáveis”. Como se pode ler na **competência geral 7** da Educação Básica (BNCC),

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (BRASIL, 2018, p. 9)

2.4. TEMÁTICAS DE HISTÓRIAS DE TIRAR O SONO

2.4.1. FICÇÃO, MISTÉRIO E FANTASIA

Esses são os temas recorrentes da coletânea, cujos textos são definidos por serem contos do insólito, do fantástico, do estranho e de terror. Todos esses textos são literários, fictícios, alguns deles abarcam com maior denotação a presença dos chamados elementos sobrenaturais, que flertam com o conto

tradicional e maravilhoso, e com a literatura neogótica. Percebemos isso em “O travesseiro de penas” (o parasita vampírico), “O gato do Brasil” (a fera sombria), “Um fantasma” (a aparição na casa de campo), “A casa velha da alameda Vauxhall” (os muitos fantasmas), “A senhorita de Scuderi” (o furor assassino em um homem comum), “O beliche superior” (o espectro marítimo) e “Uma promessa quebrada” (a aparição da esposa morta).

Outros contos da coletânea, no entanto, ficam à beira dessas representações, no chamado “lusco-fusco da razão”, em que não é possível delinear, a partir da narração, se eventos, personagens, aparições e ações estão alicerçados no imaginário ou fora dele, como em “Dormir, dormir”, “A marca de nascença”, “O retrato oval”, “O carro violeta” e “Solange”. Em geral, esses contos verdadeiramente fantásticos e estranhos são construídos a partir de relatos ficcionais em primeira pessoa. Um conto em particular, “Sredni Vashtar”, é provavelmente o mais ambíguo de todos os apresentados, uma vez que não se pode determinar se os acontecimentos supostamente fantásticos são de fato fantásticos ou mero acaso.

2.4.2. INQUIETAÇÕES DA JUVENTUDE

Esse tema surge em vários dos contos apresentados na coletânea. Em “Dormir, dormir” e “Sredni Vashtar” são exploradas questões do pertencimento e – até certo ponto – do abuso moral e psicológico que sofrem os personagens centrais, que chegam a ser brutais como os monstros das narrativas de terror. Porém, é possível discutir como esses problemas poderiam ser evitados ou solucionados em uma sociedade de direitos, que prima pelos direitos humanos, em especial das crianças e adolescentes.

Em “O gato do Brasil”, um jovem que não sabe lidar com sua fortuna pede ajuda a um tio, que o envolve em uma trama de assassinato. Com esse conto pode-se debater como as situações-limite da juventude podem levar a tomadas de decisões equivocadas. Esse assunto é bastante presente em outro conto da antologia, “A casa velha da alameda Vauxhall”, em que um jovem brigado com seu pai se envolve, a contragosto, em uma trama de terror. A partir desses contos é possível discutir com a turma como superar esse impasse (situação-limite/tomada de decisão).

Em “O retrato oval” e “A marca de nascença”, a questão que se impõe a dois jovens casais está ligada à obsessão, à beleza e à perfeição, cujo resultado é a morte de seus pares. Com esse tema pode-se abordar como se dá a aceitação da própria imagem, os limites do perfeccionismo e mudanças físicas com finalidades estéticas entre os jovens. Já em “O carro violeta”, uma jovem enfermeira também enfrenta os conflitos da juventude, quando deseja ajudar um casal em busca de cura. Seu maior desafio é reconhecer seus limites, o limite de sua ação profissional e mesmo pessoal.

2.4.3. DIÁLOGOS COM A SOCIOLOGIA E A ANTROPOLOGIA

Esses diálogos podem ser estabelecidos entre alguns dos textos dessa coletânea. Em “Dormir, dormir”, podem ser estabelecidos paradigmas temporais e sociais para as relações do trabalho e o universo da criança e do adolescente como o conhecemos hoje. Em “A marca de nascença” e “Sredni Vashtar”, podem ser discutidas questões sobre o desenvolvimento psicossocial saudável tanto no contexto dos

contos quanto no contexto dos estudantes que o leem. Em “Solange” e “A senhorita de Scuderi”, surgem questões sobre a construção sócio-histórica dos sujeitos. E, em todos os contos, considerando suas origens plurais e de diversos momentos históricos, é possível investigar como se dá a construção dos discursos de alteridade, de empatia e, por outro lado, como se criam os sentimentos de angústia e ansiedade que são fundamentais para a construção dos contos.

3. PROPOSTAS DE ATIVIDADES I

3.1. ANTES DA LEITURA DA OBRA

3.1.1. MOTIVANDO A LEITURA A PARTIR DE SINOPSES

- **Tempo aproximado:** uma a duas aulas
- **Competências e habilidades da BNCC:**
 - Linguagens e suas Tecnologias:
 - Competência específica: 6
 - Habilidades: (EM13LP50)

Proposta da atividade:

I. **Organize a turma:** Atividade em pequenos grupos ou duplas.

II. **Prepare-se**

Para cada grupo ou dupla, imprima ou anote (em fichas ou folhas avulsas) uma cópia das sinopses dos 13 contos da coletânea *Histórias de tirar do sono*, apresentadas no item “Sinopse da obra” (p. 6).

III. **Para começar**

Distribua as sinopses dos contos para os estudantes; peça aos alunos que leiam silenciosamente todas as 13 sinopses.

IV. **Encaminhamento**

1. Após a leitura, peça aos alunos que votem nas histórias preferidas do grupo ou da dupla – sugira uma lista das três histórias mais votadas.
2. As histórias mais votadas devem ser separadas; no verso da ficha ou folha, oriente a dupla ou o grupo a redigir um comentário com o motivo da escolha.
3. Peça a cada dupla que apresente seus contos preferidos, escolhidos a partir das sinopses – sempre que um conto for citado pela primeira vez, o grupo ou dupla pode ler a sinopse para a turma.
4. Na lousa, vá anotando os contos mais citados, para criar uma listagem geral da turma.
5. Ao finalizar, a partir da lista de contos escolhidos, converse sobre que elementos das sinopses chamaram mais a atenção deles. Essa conversa pode ser encaminhada pelas questões a seguir (as respostas variam de acordo com o conto ou a sinopse escolhida):

- O que a sinopse revela desse conto? Há algum elemento fantástico ou de terror nessa história?
 - Que personagens ou que ação é apresentada na sinopse?
 - A sinopse é pautada em alguma questão ou ela levanta alguma questão implícita? Que resposta você daria a essa questão?
 - É possível, a partir da sinopse, imaginar o encaminhamento e o encerramento da história?
- 6.** Destaque também se as sinopses das histórias remetem os estudantes a outros contos, ou romances, filmes, *games*, histórias em quadrinhos, séries etc. Comente a partir das questões:
- Essa história lembra algum filme, série, HQ ou outro livro que você tenha lido? Qual?
- As respostas variam de acordo com os contos escolhidos.
- 7.** Comente com a turma sobre o papel de sumarização das sinopses. Essa conversa pode ser levada a partir das seguintes questões:
- A sinopse reduz ou “comprime” a história do conto. Por quê?
- A sinopse apresenta a história de modo geral, a partir de poucos elementos, apenas aqueles que podem chamar a atenção do potencial leitor, evitando estragar as surpresas da leitura. Isso se dá porque o objetivo da sinopse é levar o leitor a ler o material original.
- Por que o final do conto ou os momentos mais importantes não são citados ou são citados com pouquíssimos detalhes?
- A sinopse pode revelar sinteticamente elementos do enredo – nomes dos personagens, locais e parte da ação da história, algumas peripécias ou acontecimentos –, mas evita detalhar enigmas, desfechos e soluções dos problemas.
- 8.** Em seguida, sugira que a turma comece a ler os contos pela sinopse mais votada.

IV. Para encerrar

Proponha aos alunos criar um painel de comentários, em que as fichas com as sinopses ficarão dispostas em um quadro e, ao lado, uma folha em branco para cada conto, na qual os estudantes poderão colocar seus comentários à medida que vão lendo os textos.

- Essa atividade pode ser transferida para um perfil público em rede social, com a postagem da sinopse do conto e permitindo comentários da turma (os comentários podem ser privados ou públicos, combine com os alunos previamente).
- Se julgar oportuno, copie as questões da pré-leitura para que os alunos possam respondê-las durante o curso das leituras.

3.1.2. PARA ANTECIPAR ARREPIOS: PARATEXTOS E TEMÁTICAS DOS CONTOS

- **Tempo aproximado:** duas aulas
- **Competências e habilidades da BNCC:**
 - Linguagens e suas Tecnologias:
 - Competências específicas: 1, 6
 - Habilidades: (EM13LP49), (EM13LP50)

Proposta da atividade:

I. Organize a turma: Atividade coletiva ou em pequenos grupos.

II. Prepare-se

Componha na lousa um quadro semelhante ao modelo a seguir. As respostas são pessoais.

Título do conto	Informações do título do conto	Informações apresentadas pelas ilustrações (tanto pelo que ela representa quanto por seu estilo)	Hipóteses sobre as histórias do conto
O travesseiro de penas			
Dormir, dormir			
O gato do Brasil			
O retrato oval			
A marca de nascença			
Solange			
A casa velha da alameda Vauxhall			
O carro violeta			
Um fantasma			
A senhorita de Scuderi			
O beliche superior			
Uma promessa quebrada			
Sredni Vashtar			

III. Encaminhamento

Oriente os estudantes a fazer uma leitura superficial da coletânea, observando os títulos, as ilustrações, biografias dos autores originais, a composição da capa e contracapa.

1. Em duplas, os estudantes podem discutir as informações presentes nesses paratextos; os dados podem ser anotados na tabela.
 - Ao observar as ilustrações, chame a atenção da turma para que notem não apenas os personagens, espaços e objetos representados, mas também se atentem para as cores, os traços, as formas e outros recursos visuais usados pelo ilustrador;
 - As fontes diferenciadas do título e da capa do livro, as cores de fundo usadas para marcar cada novo conto também oferecem informações sobre o tom geral das histórias selecionadas.
2. Em seguida, os alunos, em comum acordo, devem compor suas expectativas, ou hipóteses, sobre a história.
 - Para formular essas hipóteses com mais precisão, os estudantes podem fazer leituras superficiais do texto, observando palavras-chave, algumas frases soltas ao longo do texto.

3. Após todas as duplas terminarem suas tabelas, elas podem ser compartilhadas oralmente com os estudantes, buscando semelhanças e diferenças entre elas.
 - Se julgar oportuno, componha uma tabela mestra da turma com as hipóteses mais plausíveis e/ou mais frequentes.

IV. Para encerrar

Faça uma conversa final sobre o que todos aprenderam com essa observação dos paratextos do livro. A tabela pode ser retomada (para que os alunos marquem as hipóteses validadas) ao final de cada leitura completa dos contos.

3.2. DURANTE A LEITURA DA OBRA

3.2.1. NARRADORES SABE-TUDO E NARRADORES POUCO CONFIÁVEIS

- **Tempo aproximado:** de duas a quatro aulas
- **Competências e habilidades da BNCC:**
 - Linguagens e suas Tecnologias:
 - Competências específicas: 1, 2, 3, 6
 - Habilidades: (EM13LP46), (EM13LP48), (EM13LP49), (EM13LP50)

Proposta da atividade:

I. **Organize a turma:** Atividade coletiva ou em grupos.

II. Prepare-se

Certifique-se de que todos os estudantes ou grupos têm o livro; anote na lousa os títulos, os autores e as páginas dos contos:

- Para o primeiro momento: “A marca de nascença”, de Nathaniel Hawthorne, p. 55; “O retrato oval”, de Edgar Allan Poe, p. 48.
- Para o segundo momento: “Dormir, dormir”, de Anton Tchekhov, p. 17; “O carro violeta”, de Edith Nesbit, p. 94.

III. Encaminhamento

1. Retome os conhecimentos prévios dos alunos sobre os contos da coletânea *Histórias de tirar o sono*, a partir das atividades “Antes da leitura da obra” (p. 16) sugeridas anteriormente neste manual.
2. Faça a leitura coletiva, em voz alta, dos contos “A marca de nascença”, de Nathaniel Hawthorne, e “O retrato oval”, de Edgar Allan Poe.
 - Evite fazer paradas nessa primeira leitura; é importante que os alunos tenham uma leitura fluida.
 - As dúvidas sobre o enredo, sobre sentido de expressões e palavras e também sobre a relação entre personagens, entre outras, podem ser respondidas ao final da leitura.
3. Ao encerrar, retome o enredo de cada conto:
 - “O retrato oval”: Um homem febril e seu empregado entram em uma mansão abandonada. Enquanto espera a noite passar, o homem se depara com um quadro que parece vivo e, ao ler um

diário, descobre que a moça retratada era a esposa do dono da casa, que a retratou à perfeição, mas isso custou a vida da moça.

- “A marca de nascença”: Um jovem casal que parecia feliz fica às voltas com a marca de nascença na bochecha da moça. O homem, um suposto alquimista, tenta lhe dar um remédio definitivo que, de fato, funciona, porém a um alto preço: a morte da esposa.

4. Em seguida, pergunte à turma se as histórias são, de alguma forma, convincentes.

- Questione especificamente: “O relato do homem ferido e febril passa mais credibilidade do que a narrativa sobre o casal? Por quê?”

A resposta é pessoal, pode ser justificada com trechos da história parafraseada pelos estudantes.

5. Retome com a turma os trechos a seguir (se julgar oportuno, anote-os em uma transparência, slides ou na lousa).

- **Trecho 1**, de “A marca de nascença”, p. 56:

Para entender essa conversa, é necessário explicar que Georgiana tinha uma mancha singular no meio do lado esquerdo do rosto, semelhante a uma mão humana bem pequena.

Em estado normal, a face da jovem tinha uma cor rosada saudável e delicada. A marca tinha um tom avermelhado, mas pouco se destacava. Quando a jovem corava, a mancha praticamente desaparecia. Quando empalidecia, porém, a mancha parecia mais forte.

Os admiradores de Georgiana costumavam dizer que, quando ela nasceu, uma fadinha tocou-lhe a face, deixando ali um sinal dos talentos mágicos com os quais ela conquistaria todos os corações.

Se a jovem fosse menos bonita, talvez Aylmer até pudesse sentir alguma afeição por aquela minúscula mão. Como, porém, ele achava sua mulher absolutamente perfeita, começou a ver seu único defeito como algo intolerável.

E foi assim que, nas horas que deveriam ser as mais felizes do casal, Aylmer, invariavelmente e até sem querer, tocava naquele assunto desastroso. No começo, parecia insignificante, mas acabou se tornando o centro de tudo. [...]

- **Trecho 2**, de “O retrato oval”, p. 49:

Como eu estava bastante ferido, Pedro, meu criado, achou melhor forçar a entrada de um castelo, para que eu não passasse a noite ao relento.

O prédio parecia abandonado. Apesar de sombrio, era grandioso. Toda a decoração era rica, ainda que desgastada e antiga. As paredes eram forradas por tapeçarias e enfeitadas com troféus. Havia também uma inesperada quantidade de quadros modernos, emoldurados com ricos arabescos dourados. Essas pinturas, que estavam penduradas não somente em pontos centrais das paredes, como também nos muitos cantos que a bizarra arquitetura do castelo proporcionava, chamaram a minha atenção. Mas talvez fosse por causa do meu estado: eu me sentia delirando. [...]

6. Compare com a turma a construção do narrador e da situação enunciativa no interior do conto.

- Os estudantes podem perceber que a narração de “A marca de nascença” é composta em terceira pessoa, e de “O retrato oval”, em primeira pessoa.
- O narrador de “A marca de nascença” é onisciente (sabe de tudo que se passa na narrativa, incluindo pensamentos e sentimentos dos personagens).
- Em “O retrato oval”, há um narrador-personagem (sabe apenas aquilo de que participa, e reflete basicamente suas próprias emoções e pensamentos).

7. Releia os trechos destacados a seguir.

- **Trecho 3**, de “A marca de nascença”, p. 62:

[...] O som dos passos dele despertou-a para a realidade. Aylmer trazia um cálice de cristal contendo um líquido transparente como água, mas brilhante o suficiente para ser a bebida da imortalidade. [...]

A jovem pronunciou essas últimas palavras de maneira estranha, como se necessitasse de muita energia para formar as sílabas, e adormeceu em seguida.

Aylmer sentou-se a seu lado e ficou observando o que acontecia.

A mão carmesim, antes fortemente visível sobre o pálido mármore da face, ia ficando sem o contorno, mas a jovem estava mais pálida do que nunca. A marca perdia a clareza a cada respiração que ia e vinha. O cientista pensou que, se sua presença fora horrível, sua partida estava sendo ainda pior. Mesmo assim, foi buscar um espelho e rejubilou-se, em êxtase.

– Ela está quase desaparecendo! Veja! Sucesso!

Georgiana abriu os olhos devagar e olhou o próprio rosto. Um sorriso fraco deslizou sobre os seus lábios, quando viu a odiosa mão quase imperceptível. Mas quando o último tom de carmesim da marca desapareceu, a respiração da mulher, agora perfeita, foi para a atmosfera, levando consigo sua alma.

- **Trecho 4**, de “O retrato oval”, pp. 50-1:

[...] A posição do candelabro começou a me incomodar. Estendi a mão, com dificuldade, para direcionar as velas de forma a lançar a luz diretamente sobre o livro. Não queria perturbar o meu criado adormecido com coisa tão pequena.

A ação produziu um efeito completamente inesperado. As inúmeras velas iluminaram um canto do quarto que até então ficara encoberto pela sombra da cama. E eu vi um quadro que tinha me passado despercebido.

Era o retrato de uma bela jovem. Mirei-a rapidamente e depois fechei os olhos. No primeiro momento, não soube explicar a razão daquele gesto. Mas, enquanto minhas pálpebras permaneciam cerradas, pensei no porquê de tê-las fechado.

Fora um movimento impulsivo, para ganhar tempo para raciocinar – para ter certeza de que minha visão não me havia traído – e controlar a minha fantasia, em troca de uma contemplação mais sóbria e segura. Depois de uns poucos minutos, olhei de novo, fixamente, para o quadro.

Agora eu já não podia mais duvidar do que via com exatidão. Os primeiros raios das velas sobre a tela, que até então dissipavam o estupor sonolento que roubava os meus sentidos, apagaram-se de vez e me despertaram totalmente. No retrato, que mostrava apenas a cabeça e os ombros da jovem, havia sido usada uma técnica chamada de vinheta. Os braços, o busto e até as pontas do cabelo radiante se fundiam imperceptivelmente na vaga, mas profunda sombra que compunha o fundo. A moldura era oval e ricamente ornada de dourado.

[...] Talvez a minha fantasia pudesse confundir o retrato com uma pessoa real. No entanto notei, no mesmo instante, que as peculiaridades do desenho, da vinheta e da moldura contradiziam tal ideia, impedindo até qualquer dúvida mais momentânea. [...]

8. Para analisar a posição argumentativa dos narradores do conto, você pode utilizar as questões a seguir:

- O narrador do conto “O retrato oval” coloca em dúvida o que vê, sente e percebe; isso acontece com o narrador de “A marca de nascença”? Por quê?

Essa desconstrução da “verdade absoluta” de “O retrato oval” não acontece em “A marca de nascença” justamente porque o tipo de narrador não permite isso. O narrador onisciente pode até afirmar as dúvidas do personagem (como acontece em um dos trechos destacados), mas ele não pode duvidar de si mesmo.

- De que maneira o narrador de “O retrato oval” tenta convencer o leitor do que ele viu, ainda que aparentemente duvide disso?

Ele apresenta suas sensações, retoma várias vezes a mesma cena, refutando suas próprias percepções até que se convence – aparentemente – de que o fato não aconteceu.

- Nos trechos destacados em “O retrato oval”, o autor retoma três vezes o mesmo assunto. Isso corresponde a uma postura argumentativa de refutação e ratificação de um argumento? Por quê? Sim, ele apresenta argumentos e os justifica, negando ou afirmando o que viu. Dessa forma, ele tenta aparentar para o leitor que é um narrador confiável. Nesse caso, porém, ele refuta o que vê, tornando-se assim pouco confiável.

9. Peça aos estudantes que leiam silenciosamente os contos “Dormir, dormir”, de Anton Tchekhov, e “O carro violeta”, de Edith Nesbit.

- Peça à turma que relacione a modalidade de narrador desses contos e, em seguida, oriente a turma a identificar:
 - Foco narrativo.
 - Marcadores argumentativos.
 - Argumento e justificativa.

10. Oriente a turma a escrever um comentário geral sobre o papel dos narradores dos contos “Dormir, dormir” e “O carro violeta”, respondendo às questões: Os narradores desses contos são confiáveis? Eles dão às narrativas maior credibilidade (ou seja, as tornam mais verossímeis)? (As respostas são pessoais.)

IV. Para encerrar

Proponha à turma representar e gravar uma cena do conto de modo a conseguir, no vídeo, o mesmo foco narrativo obtido nos contos. Os estudantes podem ser desafiados a construir um vídeo de poucos minutos para ser veiculado em plataformas digitais.

3.2.2. ENREDO DO CONTO, TRAMA PSICOLÓGICA

- **Tempo aproximado:** 13 aulas

- **Competências e habilidades da BNCC:**

Linguagens e suas Tecnologias:

- Competências específicas: 1, 2, 3, 4, 6

- Habilidades: (EM13LP16), (EM13LP46), (EM13LP48), (EM13LP49), (EM13LP50)

Proposta da atividade:

I. Organize a turma

Atividade em grupo (12 grupos, cada grupo ficará responsável por um conto da coletânea; o professor ficará responsável pela primeira apresentação).

II. Prepare-se

Divida os contos entre os grupos e escolha um conto para começar – não é necessário que seja o primeiro da coletânea.

III. Procedimentos

1. Com as equipes formadas e os contos divididos, cada grupo ficará responsável por fazer uma leitura prévia do conto, identificando personagens, tempo e espaço, ações da narrativa e destacando os elementos do enredo (situação inicial, conflito, clímax e desfecho).

- Oriente os estudantes a marcar essas informações para que isso facilite a organização dos dois momentos de leitura sugeridos a seguir.
- Veja uma sugestão de divisão para os contos:

Título do conto	Ponto de parada – auge do clímax
O travesseiro de penas	[...] <i>Jordan o pegou. Era verdade.</i> (p. 15)
Dormir, dormir	[...] <i>Por fim, morta de cansaço, concentra-se na mancha verde que treme e, prestando atenção aos gritos, encontra o inimigo que não a deixa viver.</i> (p. 26)
O gato do Brasil	[...] <i>Aquele barulho fez meu coração saltar. Uma súbita onda de terror passou por mim, com uma vaga sensação de uma traição monstruosa. Corri até a porta, mas não havia nenhum trinco pelo lado de dentro.</i> (p. 39)
O retrato oval	[...] <i>Como uma obra de arte, nada poderia ser mais admirável do que aquele retrato. Mas não foi a execução primorosa do trabalho, nem a beleza imortal daquela fisionomia retratada, que me comoveram de forma tão intensa e repentina. Talvez a minha fantasia pudesse confundir o retrato com uma pessoa real.</i> (p. 50)
A marca de nascença	[...] <i>Ela bebeu o líquido e murmurou, com um sorriso tranquilo nos lábios: – Parece água de uma fonte celeste... Seu gosto é bom e seu aroma é agradável.</i> (p. 62)
Solange	[...] <i>tudo isso junto me encheu de um vago terror, que começou na raiz dos cabelos e se espalhou pelo meu corpo inteiro. De repente, tive a impressão de ouvir uma voz suave e chorosa dentro da capela, chamando meu nome: Alberto!</i> (p. 77)
A casa velha da alameda Vauxhall	[...] <i>Seus olhos vagaram pela sala de estar onde estava morando e ele viu, de pé no vão da porta aberta, a mulher de cabelo branco desgredado, usando as mesmas roupas sujas e pobres. Ela ergueu a mão para ele num gesto ameaçador e, então, exatamente quando ele se precipitava na direção dela, algo fantástico aconteceu.</i> (p. 89)
O carro violeta	[...] <i>Antes mesmo de o automóvel chegar até onde ele estava, percebi que seria terrível. Joguei-me contra a cerca, como faria para deixar passar um carro real, mesmo sabendo que aquele não era verdadeiro.</i> (p. 108)
Um fantasma	[...] <i>Eu acabara de localizar o segundo pacote e já ia alcançar o terceiro quando um suspiro pesaroso, perto dos meus ombros, fez com que eu saltasse dois metros para trás. Virei-me, pondo a mão no cabo da minha espada e, se não o tivesse sentido, teria fugido como um covarde. Uma mulher alta, vestida de branco, me olhava, de pé atrás da cadeira onde eu estivera sentado.</i> (p. 116)
A senhorita de Scuderi	[...] <i>Eu me esquecia de tudo. Então, um dia, sem mais nem menos, ele declarou: “Olivier, nosso relacionamento está insuportável. Você presenciou o meu trabalho noturno, que minha estrela maligna me obriga a fazer... É melhor eu te contar a minha história”.</i> (p. 139)

O beliche superior	[...] – Há alguma coisa ali! – berrou, os olhos esbugalhados. – Cuide da porta, enquanto eu olho. O que quer que seja, não deixaremos escapar! Em vez de tomar seu lugar, porém, pisei sobre a minha cama e agarrei o que estava no beliche superior. (p. 167)
Uma promessa quebrada	[...] Mais uma vez, porém, na Hora do Boi, a jovem despertou, apavorada, com os sinos lá fora. E o som se aproximava cada vez mais... Ela deu um grito, mas não percebeu qualquer movimento no quarto, somente o silêncio sepulcral, cada vez mais denso e crescente. Correu na direção dos guardiões, mas eles estavam imóveis, sentados diante do tabuleiro, os olhos fixos um no outro. Ela os chamou, sacudiu... Mas eles continuaram paralisados. (p. 177)
Sredni Vashtar	[...] Enfim, após um breve período de calma, soluços de pavor e passos cambaleantes de alguém que trazia um pesado fardo às costas encheram a casa. (p. 188)

- As aulas começarão com a leitura; os estudantes devem se preocupar em organizar previamente a sala.
 - A leitura será interrompida pelo próprio grupo no ponto em que o clímax está estabelecido, e o mesmo grupo retornará no final da aula para a leitura do desfecho.
 - Após a apresentação, os alunos poderão comentar com a turma os detalhes do conto, do enredo e outras informações que julgarem oportunas.
 - A turma poderá fazer perguntas ao grupo sobre o conto, a leitura, a dramatização etc.
- 2.** Os estudantes devem compreender que a leitura deve levar em consideração aspectos orais e gestuais; porém, não se trata de uma adaptação teatral.
- Oriente a turma a usar, se os estudantes julgarem oportuno: maquiagem, figurino, iluminação, cenografia e trilha sonora para engajar os colegas nas leituras.
 - Os elementos dessas leituras dramatizadas devem decorrer da análise do espaço, tom e clima da história.
 - Oriente a turma a dar atenção especial à altura, velocidade e tom da voz;
 - A gestualidade deve colaborar também para a representação do conto, mas não pode ser um fator de desvio de atenção da leitura em si.
 - Um estudante de cada grupo pode gravar as apresentações, ou montar um vídeo com informações de “atrás das cenas”, contando o processo desde a leitura até a apresentação.
 - Sugerimos que os estudantes acessem aos seguintes materiais para encontrar sugestões e modelos para a produção que vão realizar:
 - *A medalha*. Produção: Marcelo Braga. Apresentação: Maria Luísa Mendonça. Direção: Eder Santos. *Contos da meia-noite*. São Paulo: TV Cultura, 2003. 1 vídeo (8 min). Disponível em: https://tvcultura.com.br/videos/4404_a-medalha-de-lygia-fagundes-telles-contos-da-meia-noite.html. Acesso em: 21 set. 2020.
 - *Nerdcast 342: T-Zombii – A gravação dos mortos*. Narração: Alexandre Ottoni (Jovem Nerd) e Deive Pazos (Azaghal). Participação: Guilherme Briggs. Nerdcast, 21 dez. 2012. Podcast. Disponível em: https://nerdcast.jovemnerd.com.br/nerdcast_342_audio-drama_t-zombii.mp3. Acesso em: 20 set. 2020. (Classificação indicativa: 14 anos).

IV. Encerramento

Ao final das 13 apresentações, sugira um momento para a turma compartilhar como foi a produção das leituras, a exibição dos vídeos sobre o processo de preparação etc. Aproveite esse momento para retomar os contos, como são seus enredos, discuta como cada conto valoriza (ou não) o conflito e o clímax.

3.3. APÓS A LEITURA DA OBRA

3.3.1. ZINES DE TIRAR O SONO

- **Tempo aproximado:** de três a quatro aulas
- **Competências e habilidades da BNCC:**
 - Linguagens e suas Tecnologias:
 - Competências específicas: 1, 3, 6, 7
 - Habilidades: (EM13LP15), (EM13LP17), (EM13LP20), (EM13LP21), (EM13LP30), (EM13LP31), (EM13LP32), (EM13LP33)

Proposta da atividade:

I. Organize a turma: Atividade em grupos (cada grupo produzirá seu fanzine).

II. Prepare-se

Organize os materiais necessários para produção de um fanzine (papel, tesouras, cola, jornais e revistas para recorte, material de desenho).

- Fanzine, ou zine, é uma “revista de fã” que apresenta reportagens, curiosidades, ilustrações, entrevistas e pode trazer produções literárias (de poemas a HQs, passando por contos e trechos de romances) dos próprios autores do zine.
- Os zines têm caráter amador e não necessariamente são publicados com técnicas e acabamento profissionais. Por isso são, geralmente, escritos à mão ou usando computador; podem ser xerocopiados ou mimeografados.

III. Encaminhamento

1. Apresente a proposta para a turma, sugerindo que cada grupo produza um fanzine sobre um autor, um conto ou uma seleção de contos da coletânea *Histórias de tirar o sono*. Essa seleção pode obedecer a critérios como: tipos de narrador, temática, tipo de conto (fantástico, de terror etc.).
2. Oriente os grupos a se subdividirem: haverá os redatores, os ilustradores, os diagramadores, os revisores etc.
3. O zine tem uma estrutura mais ou menos aberta, mas é possível estabelecer alguns critérios com a turma:
 - Número mínimo de páginas: 8 (mais a capa e a contracapa).
 - Número máximo de páginas: 16 (mais a capa e a contracapa).
 - O fanzine apresentará as seguintes seções: Apresentação; Índice; Expediente (em que são listados os colaboradores e suas funções); Entrevista; Reportagem (um tema, autor ou conto pode ser o assunto de uma reportagem produzida pelos estudantes); Resenha do(s) conto(s) escolhidos ou

outra(s) obra(s) do(s/a/as) autor(es/as); Ilustração (representando os contos ou os(as) autores(as) escolhidos(as) como tema do zine); Coluna de opinião (um estudante ou, até mesmo, um(a) professor(a) pode ser convidado(a) a escrever um texto autoral opinativo); e, para fechar, uma seção com um conto, crônica, HQ ou material literário inédito produzido pelos estudantes.

4. A produção pode obedecer às seguintes etapas:

- Reunião de pauta (na qual é definido o tema central, são escolhidos os assuntos e os materiais e os respectivos autores de cada uma das seções do zine).
 - A reunião de pauta também define o título do zine, que pode ter relação com os contos e autores escolhidos ou refletir a personalidade e as escolhas da turma.
 - O zine, em si, pode se tornar uma atividade permanente.
- Em subgrupos, os estudantes produzem os materiais para cada seção – tanto para os materiais verbais quanto não verbais.
- A revisão e os ajustes podem ser feitos por um subgrupo.
- Diagramação é a unificação dos materiais, dando corpo ao zine – isso pode ser feito “manualmente” ou usando as tecnologias digitais.
 - O grupo pode escolher, coletivamente, o estilo que utilizará em suas produções – alguns zines usam recortes e colagens, criando um material que remete à *pop art*; outros preferem o estilo de arte de rua, remetendo ao grafite, à estética hip-hop, entre outras. É interessante dialogar com a turma sobre qual é o estilo que melhor dialoga com os autores/contos apresentados.
- A revisão final é feita com o zine diagramado. Os estudantes podem produzir um “boneco”, que é um protótipo da revista, e sobre ele os revisores marcam os ajustes necessários (o professor pode se envolver nessa etapa, caso julgue oportuno).
- Impressão ou produção das cópias é a última etapa, antes da distribuição.

5. Sugerimos, entre outros tantos, os seguintes temas a serem abordados:

- Biografia dos autores dos contos originais e pesquisa sobre as autoras das releituras e sobre o ilustrador;
- Pesquisa sobre a influência ou a importância na tradição literária dos autores ou dos contos escolhidos.
- Linha do tempo com adaptações cinematográficas, teatrais, musicais e em HQs das obras de alguns dos autores da coletânea.
- Releitura de obras relacionando-as com desafios do cotidiano dos estudantes e sua superação: medo, *bullying*, dificuldade em relacionamentos, busca da autorrealização, desafios da autoimagem etc.
- Conversa com especialistas sobre contos e autores escolhidos (que podem acontecer tanto presencialmente como via recursos digitais – e-mails, troca de mensagens em redes sociais, ligações, videoconferências etc.).
- Entrevistas ou depoimento dos leitores sobre os contos e autores que leram – esses relatos podem ser ilustrados ou retextualizados como HQs, por exemplo.
- Composição de uma linha do tempo ilustrada e com trechos dos contos e autores da coletânea.

6. Algumas etapas podem ser realizadas fora da sala de aula, porém a reunião de pauta, algumas produções textuais, a revisão e a edição podem ser acompanhadas pelo professor.

IV. Encerramento

Sugerimos que os zines sejam lançados em uma pequena cerimônia ou evento escolar que tenha como foco central a leitura; as demais turmas e a comunidade escolar podem ser convidadas a participar dessa atividade.

3.3.2. VIDEORRESENHA: CHOROS E RANGER DE DENTES

- **Tempo aproximado:** duas aulas
- **Competências e habilidades da BNCC:**
 - Linguagens e suas Tecnologias:
 - Competências específicas: 1, 2, 3, 6, 7
 - Habilidades: (EM13LP16), (EM13LP17), (EM13LP18), (EM13LP20), (EM13LP28), (EM13LP29)

Proposta da atividade:

I Organize a turma

Atividade em grupos (13 grupos no total, um conto por grupo).

II. Prepare-se

Organize os materiais necessários para a produção de uma videorresenha: celular ou máquina para gravação. Apresente a proposta para a turma, sugerindo que cada grupo produza uma videorresenha sobre um dos contos da coletânea. Caso não haja consenso entre as escolhas dos grupos, faça um sorteio.

III. Encaminhamento

1. Com a definição da história de cada grupo, peça aos estudantes que releiam o conto e produzam um texto crítico sobre ele. Esse texto pode ser dividido da seguinte forma:

- Ficha técnica, composta de:
 - Título, título original;
 - Nome do autor;
 - Data e local de publicação;
 - Em que livro, coletânea, revista etc. o conto foi publicado originalmente;
 - Nomes e informações sobre os autores da releitura (incluindo o ilustrador);
 - Número de páginas e outras informações do suporte do conto.
- Sinopse da história.
- Avaliação crítica.
 - É possível analisar a construção da história, o tipo de narrador, a construção dos personagens, a linguagem utilizada (tanto do ponto de vista do registro quanto do ponto de vista da linguagem literária). Os estudantes também podem fazer comparações com outros contos e outras obras do mesmo autor dos textos originais, observando o estilo utilizado de escrita.
 - A avaliação é pessoal, deve seguir a apreciação do grupo, porém deve ser ancorada na materialidade do texto, isto é, as críticas positivas, negativas etc. devem ser pautadas no que o conto apresenta – citações são possíveis, desde que devidamente marcadas.

2. O público-alvo dessas videorecensões devem ser pessoas da mesma faixa etária dos estudantes, pois isso permite o uso de uma linguagem (tanto verbal quanto multimídia) mais próxima e autêntica. Importante considerar os interlocutores que não tenham lido o conto.
3. O vídeo em si deve ter três etapas:
 - Apresentação do aluno que aparece diante das câmeras e dos colegas de grupo.
 - Introdução do assunto do vídeo (isto é, do conto resenhado).
 - Ficha técnica, sinopse e avaliação crítica.
 - Encerramento, com chamamento para que os espectadores dialoguem com o grupo a partir de comentários na rede.

IV. Encerramento

A atividade não se encerra com a publicação do vídeo na rede (sugere-se que a turma crie um canal ou perfil em uma plataforma de vídeos), é importante que os estudantes tenham em mente que os comentários oriundos das plataformas precisam ser respondidos e/ou mediados sempre que possível.

4. PROPOSTAS DE ATIVIDADES II

4.1. TEXTO E CONTEXTO DAS *HISTÓRIAS DE TIRAR O SONO*

- **Tempo aproximado:** duas aulas
- **Áreas do conhecimento e disciplinas:**
 - Linguagens e suas Tecnologias
 - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
- **Competências e habilidades da BNCC:**
 - Linguagens e suas Tecnologias:
 - Competências específicas: 1, 6
 - Habilidades: (EM13LP49), (EM13LP50)
 - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas:
 - Competências específicas: 1, 4
 - Habilidades: (EM13CHS101), (EM13CHS102), (EM13CHS103), (EM13CHS104), (EM13CHS401), (EM13CHS402), (EM13CHS503)

Proposta das atividades:

I. Antes da leitura

- Organize a turma em pequenos grupos.
- Retome de forma sintética os temas dos contos (disponível no item “Temáticas de *Histórias de tirar o sono*” (p. 14) e anote as principais informações na lousa, compondo um quadro semelhante ao modelo a seguir.

• Com exceção dos títulos e dos nomes dos autores, deixe os espaços em branco para que a turma os preencha durante a leitura.

Título do conto	Autor(a)	País de origem	Época (aproximada)	Temática do conto
O travesseiro de penas	Horacio Quiroga	Uruguai	Final do século XIX	A doença e a morte inexplicável
Dormir, dormir	Anton Tchekhov	Rússia	Final do século XIX	Os limites da razão, sonho e sanidade mental
O gato do Brasil	Arthur Conan Doyle	Inglaterra	Final do século XIX	O assassino insuspeito
O retrato oval	Edgar Allan Poe	Estados Unidos	Início do século XIX	O limiar entre o real e o imaginário/A obsessão pela perfeição
A marca de nascença	Nathaniel Hawthorne	Estados Unidos	Início do século XIX	A obsessão pelo belo
Solange	Alexandre Dumas	França	Início do século XIX	Os fantasmas criados pela perseguição
A casa velha da alameda Vauxhall	Charlotte Riddell	Irlanda	Meados do século XIX	As aparições fantasmagóricas e seus segredos
O carro violeta	Edith Nesbit	Inglaterra	Meados do século XIX	Os erros do passado
Um fantasma	Guy de Maupassant	França	Meados do século XIX	Fantasmas do passado
A senhorita de Scuderi	E. T. A. Hoffmann	Alemanha	Final do século XVIII	O assassino insuspeito
O beliche superior	Francis Marion Crawford	Estados Unidos	Final do século XIX	A aparição recorrente
Uma promessa quebrada	Lafcadio Hearn	Grécia/Japão	Final do século XIX	O encontro entre a promessa, a tradição e o terror
Sredni Vashtar	Saki	Escócia	Final do século XIX	O poder do desejo

• Observe que nesse quadro há informações que situam a proliferação de contos fantásticos e de terror (os temas sobrenaturais estão explicitados) em pouco mais de um século, entre o final do século XVIII e final do XIX.

II. Durante a leitura

Oriente a turma a preencher o quadro com as informações do texto.

- O elemento que pode necessitar maior atenção é a data, pois muitas vezes ela não fica evidente. Assim, os estudantes precisam relacionar o conteúdo do texto com as informações contextuais presentes nos paratextos.
- Para o preenchimento da última coluna, “temática do conto”, oriente a turma a escrever uma frase apenas, o que é um exercício de síntese muito interessante.

- Essa síntese também pode ser obtida a partir das sinopses dos contos da coletânea (apresentadas no item “Sinopse da obra”, p. 6). Realizando o apagamento das informações excedentes, é possível chegar a uma frase, que pode ser ratificada pela leitura do conto.

III. Depois da leitura

1. Partindo das informações do quadro, oriente a turma a formular uma questão que possa estabelecer uma relação entre os contos fantásticos e de terror e o progresso da ciência no período em que os contos foram escritos.
2. Caso os estudantes tenham dificuldade em criar uma questão norteadora, podem ser usadas as questões a seguir (proponha questões diferentes para grupos diferentes).
 - **Questão norteadora 1:** Por que, de modo geral, histórias de fantasmas, acontecimentos sobrenaturais e outros acontecimentos inexplicáveis são comuns nas literaturas do século XIX?
 - **Questão norteadora 2:** Que descobertas significativas da medicina, da psiquiatria/psicologia, da física, da química e da biologia foram realizadas entre o final do século XVIII e o início do século XX? A partir dessas descobertas, que técnicas e tecnologias foram desenvolvidas?
 - **Questão norteadora 3:** As descobertas científicas, as técnicas e as tecnologias surgidas entre o final do século XVIII e o início do século XX impactaram/impactam a maneira como as pessoas enxergam e acreditam em fenômenos sobrenaturais?
 - **Questão norteadora 4:** Ainda hoje, algumas pessoas acreditam em fenômenos sobrenaturais (fantasmas, anjos, monstros etc.). Por que isso acontece?
3. Após definir a(s) questão(-ões) norteadora(s), os estudantes podem buscar a(s) resposta(s) para essa(s) questão(-ões). Oriente-os a seguir com esse roteiro:
 - Estabeleça uma hipótese de resposta para o grupo.
 - Faça uma lista de possíveis fontes confiáveis para responder a essas questões: enciclopédias (físicas ou eletrônicas), portais jornalísticos com reportagens sobre o tema, revistas e jornais (impressos ou virtuais), artigos acadêmicos e portais de universidades podem ser utilizados como referência.
 - Lembre à turma que os buscadores da internet não podem ser usados como fontes e alguns sites (que redistribuem respostas ou não citam suas fontes) não são confiáveis.
 - As enciclopédias abertas da internet podem conter imprecisões, contradições e informações falsas, porque elas podem ser editadas por qualquer pessoa.
4. Pesquise informações que possam ratificar ou refutar a hipótese (uma hipótese refutada não deve ser abandonada, mas revista).
 - É necessário checar em mais de uma fonte as informações encontradas.
 - Anote os dados das fontes: nome do autor, título do site/revista/jornal/livro pesquisado, data de publicação, link e data de acesso (para os materiais da rede).
5. Após a pesquisa, os grupos devem apresentar à turma as informações que colheram, bem como informar se suas hipóteses foram ratificadas ou refutadas.

4.2. GROTESCO DE DAR MEDO, SUBLIME DE TIRAR O SONO

- **Tempo aproximado:** duas aulas
- **Áreas do conhecimento e disciplinas:**

- Linguagens e suas Tecnologias
- Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

- **Competências e habilidades da BNCC:**

Linguagens e suas Tecnologias:

- Competências específicas: 1, 6
- Habilidades: (EM13LP49), (EM13LP50)

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas:

- Competência específica: 1
- Habilidades: (EM13CHS101), (EM13CHS103), (EM13CHS104)

Proposta das atividades:

I. Antes da leitura

- Organize a turma, dividindo-a em dois grandes grupos.
- Organize, também, o material necessário para a aula: cada grupo ficará responsável por duas seleções diferentes de contos.
 - Seleção 1: “O travesseiro de plumas”, “A promessa quebrada”, “Dormir, dormir” e “Sredni Vashtar”.
 - Seleção 2: “A casa velha da alameda Vauxall”, “O gato do Brasil”, “Um fantasma” e “O beliche superior”.
- Copie ou imprima o texto a seguir para os estudantes (você pode oferecer uma cópia por grupo ou uma cópia para cada aluno).

[...] O fio de nossas ideias não se rompeu no espírito do leitor, este compreendeu, sem dúvida, com que poder o grotesco, este germe da comédia, recolhido pela musa moderna, teve de crescer e ampliar-se desde que foi transportado para um terreno mais propício que o paganismo e a epopeia. Com efeito, na poesia nova, enquanto o sublime representará a alma tal qual ela é purificada pela moral cristã, ele representará o papel da besta humana. O primeiro tipo livre de toda mescla impura terá como apanágio todos os encantos, todas as graças, todas as belezas; [...] O segundo tomará todos os ridículos, todas as enfermidades, todas as feiuras. Nesta partilha da humanidade e da criação, é a ele que caberão as paixões, os vícios, os crimes; e ele que será luxurioso, rastejante, guloso, avaro, pérfido, enredador, hipócrita; [...] O belo tem somente um tipo; o feio tem mil. [...] (HUGO, 1988, pp. 32-3)

- Peça aos estudantes que leiam o texto antes de começar a leitura dos contos.
- Faça um breve debate sobre os conceitos apresentados no texto de Victor Hugo. Considere as informações a seguir (se julgar oportuno, peça aos estudantes que pesquisem sobre o autor, sua época e o que produziu):
 - O texto apresenta dois conceitos muito comuns ao romantismo, sobretudo o chamado neogótico europeu: o sublime e o grotesco. Segundo Italo Calvino (2004), o conto fantástico deriva da literatura gótica, o que o relaciona a esses conceitos (veja um pouco mais sobre isso no item “Aprofundamento”, p. 34).

- Victor Hugo foi um dos expoentes do romantismo francês. Em suas obras, como *O corcunda de Notre-Dame* e *Os miseráveis*, é possível observar a presença do belo e do feio, do sublime e do grotesco, da disputa entre essência e aparência, que eram tão frequentes nas obras desse pensamento filosófico estético-literário.
- Para que os estudantes se apropriem imagetivamente dos conceitos, apresente as obras plásticas listadas abaixo. Elas estão ordenadas de forma gradativa, em que o equilíbrio entre o “sublime” e o “grotesco” é maior ou menor:
 - Caspar David Friedrich. *Caminhante sobre o mar de névoa*, 1818. Óleo sobre tela. 94,8 cm × 74,8 cm. Hamburger Kunsthalle, Hamburgo, Alemanha. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/b/b9/Caspar_David_Friedrich_-_Wanderer_above_the_sea_of_fog.jpg/300px-Caspar_David_Friedrich_-_Wanderer_above_the_sea_of_fog.jpg. Acesso em: 21 set. 2020.
 - Francis Danby. *O dilúvio*, c. 1840. Óleo sobre tela. 28,45 cm × 45,21 cm. Tate Gallery, Londres, Inglaterra. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/a8/Francis_Danby_deluge.jpg/800px-Francis_Danby_deluge.jpg. Acesso em: 21 set. 2020.
 - Francisco de Goya. *Saturno devorando um de seus filhos*, 1820-23. Óleo sobre tela. 143 cm x 81 cm. Museu do Prado, Madri, Espanha. Disponível em: <https://i0.wp.com/www.historia-dasartes.com/wp-content/uploads/2015/10/15.12SaturnoGoya.jpg?fit=450%2C783&ssl=1>. Acesso em: 21 set. 2020.
- Com auxílio do professor de Artes, proponha um bate-papo com a turma sobre as bases da estética romântica, articulando elementos mostrados nas imagens, de acordo com o texto de Victor Hugo:
 - Em *Caminhante sobre o mar de névoa*, o distanciamento da vida urbana para maior contato com a natureza, a contemplação, a busca de refúgio (belo, pacífico, tranquilizador) podem sugerir o sublime, ainda que as nuvens pareçam um pouco tumultuadas como se fossem ondas do mar, denotando certo aspecto do grotesco (feio, assombroso, inconveniente).
 - Em *O dilúvio*, as imagens já tendem ao grotesco, ainda que haja uma busca pelas figuras de corpos belos. O mar, nessa obra, é revoltoso e denota a terrível condição do dilúvio; a natureza não é aprazível como na pintura anterior.
 - Em *Saturno devorando um de seus filhos*, a figura principal não busca pelo equilíbrio de suas formas, a ação demonstrada é horrível (a devoração), o ambiente é substituído por um fundo sombrio, em que a natureza está ausente.
- É possível articular alguns desses elementos ao longo da leitura dos contos, perguntando à turma sobre como o ambiente das histórias é descrito, de que maneira ele remete à estética grotesca, sublime ou como se alternam.
- Além da descrição, que ações poderiam se encaixar em cada uma dessas categorias (ou como elas são gradativamente mais ou menos grotescas ou sublimes).
- É possível que os estudantes percebam que a intensidade de elementos, imagens, ações e descrições grotescas configura o tom fantástico ou de terror das histórias que estão lendo e que, analogamente, também compõe as pinturas mais emocionalmente intensas.

II. Durante a leitura

- Oriente a turma a ler os contos selecionados silenciosamente e a identificar neles elementos do belo e do grotesco (conforme definição do texto de Victor Hugo). Esses elementos podem ser personagens, aparições, ações, locais etc.
- Ao fim das leituras, sugira aos estudantes que subdividam os contos em duas categorias a partir dos conceitos do texto: contos sublimes, contos grotescos.
- É possível que os estudantes não classifiquem nenhum texto como “conto sublime”, e isso se dá pela presença dos elementos sobrenaturais horrendos, que tornam o conto grotesco já à primeira vista. Contudo, discuta com a turma sobre a presença de elementos sublimes em cada conto, o que pode tornar a perspectiva da leitura menos categórica.
- Por fim, questione a turma sobre de que maneira a afirmação de Victor Hugo, “O belo tem somente um tipo; o feio tem mil”, corresponde a cada um dos contos lidos pelo grupo. As respostas podem resgatar os exemplos de “feio” e “grotesco” apresentados no texto do escritor francês. Mais uma vez retome as pinturas, usando seus elementos como exemplos para ilustrar as informações comentadas coletivamente.

III. Depois da leitura

- Oriente os estudantes a escrever um breve comentário sobre as aparições grotescas e sublimes que eles percebem nos contos.
- Oriente-os a escolher outro livro, filme ou seriado que, para eles, seja um exemplo de literatura sublime (isso servirá para que os estudantes, por contraste, exemplifiquem o grotesco dos contos fantásticos).
- Esse comentário pode ser do gênero textual comentário público, o mesmo que é encontrado em sites com resenhas ou livrarias que apresentam os livros.

5. APROFUNDAMENTO

5.1. AS CONVENÇÕES DO FANTÁSTICO

O universo das histórias fictícias é conhecido por nós desde sempre. As narrativas aparentemente simples da tradição popular, as maravilhas tecnológicas apresentadas pelo cinema, os contos de mistério e enigma, os contos de fadas. Todos eles são povoados de personagens, espaços e acontecimentos que, de fato, nunca aconteceram a não ser nas linhas escritas, na tela iluminada, na voz de um contador.

Aos poucos, se prestarmos atenção, vamos perceber que algumas dessas histórias buscam falar de um mundo como o nosso, cujas leis naturais são as mesmas do nosso. Mas em outros, essas leis são mais fluidas: sapos se transformam em príncipes, homens e mulheres podem voar, bonecos de madeira

aprontam por aí, lobos falam, porquinhos fazem casas etc. Nesse último universo, as leis que imperam são as das narrativas maravilhosas. Nelas, tudo que não tem explicação no nosso mundo pode ser res-pondido – literalmente – com um passe de mágica.

Acima temos dois extremos, mas a literatura é bem mais complexa que isso. Existem muitas histórias, personagens, acontecimentos que ficam entre essas duas experiências. Uma delas é a literatura fantástica.

Italo Calvino explica que a literatura fantástica nasce da especulação filosófica. Ele afirma que seu tema

[...] é a relação entre a realidade do mundo que habitamos e conhecemos por meio da percepção e a realidade do mundo do pensamento que mora em nós e nos comanda. O problema da realidade daquilo que se vê – coisas extraordinárias que talvez sejam alucinações projetadas por nossa mente; coisas habituais que talvez ocultem sob a aparência mais banal uma segunda natureza inquietante, misteriosa, aterradora – é a essência da literatura fantástica, cujos melhores efeitos se encontram na oscilação de níveis de realidades inconciliáveis. (CALVINO, 2004, p. 6)

Pode-se dizer que a literatura fantástica nasce do aprofundamento de um sem-número de literatu-ras tradicionais, algumas delas surgidas diretamente do folclore e das lendas. E isso se dá justamente no romantismo, como conclui Calvino:

É com o romantismo alemão que o conto fantástico nasce, no início do século XIX; mas já na segunda metade do século XVIII o romance “gótico” inglês havia explorado um repertório de temas, ambiente e efeitos (sobretudo macabros, cruéis, apavorantes) do qual os escritores do romantismo beberiam abun-dantemente. (CALVINO, 2004, p. 6)

Pode-se dizer que o fantástico é uma complicação do maravilhoso. No conto maravilhoso (contos de fadas, por exemplo), uma fada aparece e com sua varinha de condão proporciona à Gata Borrallhei-ra um vestido, uma charrete, um par de sapatos de cristal. Em um passe de mágica. Essa é a lei desse universo, a magia existe. E é isso que acontece na história, não há dúvida, não há questionamento. No conto de ficção científica, por sua vez, a explicação nunca é mágica, mas científica – ou pseudocien-tífica –; basta parecer crível.

No conto fantástico, porém, tudo acontece de forma mais ambígua: um homem adentra uma man-são e pensa ter visto um vulto em um canto pouco iluminado do quarto que ocupa. Mas ele pode estar febril, doente, ferido. E ele pode ter se enganado. E pode ter sido apenas a iluminação sobre um retrato. “Sim, foi a iluminação sobre o retrato.” No conto fantástico cabem todas as dúvidas, muitas delas recaem sobre o próprio narrador, muito antes de recaírem sobre o – suposto – fenômeno sobrenatural que é narrado. Nenhuma explicação é plenamente satisfatória, nem permanente.

Assim explicou esse fenômeno o linguista húngaro Tzvetan Todorov em seu livro *As estruturas narrativas*:

Somos assim conduzidos ao âmago do fantástico. Num mundo que é bem o nosso, tal qual o conhece-mos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mundo familiar. Aquele que vive o acontecimento deve optar por uma das soluções possí-veis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, um produto da imaginação, e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são. Ou então esse acontecimento se verificou realmente, é parte integrante da realidade; mas nesse caso ela é regida por leis desconhecidas para nós. [...] O fantástico ocupa o tempo

dessa incerteza [...]. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que não conhece as leis naturais, diante de um acontecimento aparentemente sobrenatural. (TODOROV, 2006, p. 148)

Partindo dessa explicação, podemos chegar a outra conclusão: o conto de terror tende ao maravilhoso porque nesse mundo fantasmas, vampiros, lobisomens, demônios e inúmeros seres e entidades simplesmente existem. O conto de terror, então, é aquele conto em que o fantástico se explica: o sobrenatural existe.

E isso não é uma questão de verossimilhança – aquela qualidade de “parecer verdade” –, porque nos contos maravilhosos a adoção de um mundo mágico qualifica como verdadeiro que a varinha de condão possa transformar abóboras em carros, mas a colher de pau não. O sapo pode se transformar em príncipe, mas a rã não. Ainda que, no nosso mundo, sapos sejam sapos, rãs sejam rãs e nem varinha ou colher de pau possam mudar isso. No conto fantástico sempre haverá uma dúvida e, se o leitor decidir escolher uma das alternativas, o fantástico se perde.

5.2. O NARRADOR INFIEL

Nem toda narrativa começa tão sentenciosa quanto *A metamorfose*, de Franz Kafka: “Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos inquietos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso” (KAFKA, 1996, p. 5). O narrador em terceira pessoa sentencia um fato que não pode ser mudado pela interpretação do leitor: a partir daquele momento Gregor é um inseto. Nas narrativas dessa coletânea, como “O fantasma” e “O beliche superior”, os narradores precisam criar algum subterfúgio para que um personagem assuma a narração e, a partir dali, o leitor entre no plano da subjetividade desse narrador-personagem, em um texto composto, então, em primeira pessoa: numa reunião em que várias pessoas falam sobre assuntos quaisquer (ou contam suas experiências sobrenaturais), um dos convivas pede a palavra para narrar um fato insólito, seus encontros com fantasmas.

Era um final de noite agradável na velha mansão da rua de Grenelle e estávamos conversando sobre fantasmas, assombrações e casos jurídicos recentes. Cada uma das visitas tinha uma história para contar. Histórias verdadeiras, conforme todos afirmavam. Então o velho Marquês de la Tour-Samuel se ergueu e, encostado na beirada da lareira, contou a seguinte história, com a voz trêmula [...] (“O fantasma”, p. 111)

Alguém pediu charutos. Após um longo tempo conversando, os assuntos começaram a se esgotar. [...] a reunião caminhava para a sua conclusão natural e nós, os hóspedes, iríamos logo para casa. Ninguém tinha dito nada de notável, porque ninguém tinha nada de interessante para dizer.

[...] Quando alguém perguntou sobre os charutos, todos nós olhamos para quem tinha falado.

Brisbane era um homem muito alto e forte, de cerca de 35 anos, dono de um pescoço vigoroso a sustentar uma cabeça pequena.

[...] Houve um silêncio. A voz dele não era alta, mas possuía a qualidade de penetrar no meio da conversa coletiva e cortá-la como uma faca.

Todos pararam para ouvir.

Ele acendeu seu charuto com serenidade e, em seguida, continuou:

– Muito curiosa essa história de fantasmas. As pessoas estão sempre perguntando se alguém já viu um fantasma. Eu vi. (“O beliche superior”, pp. 149-50)

Não à toa, nesse ponto Italo Calvino vai lembrar Sherazade, de *As mil e uma noites*, que tem como tarefa narrar ao sultão, toda noite, uma nova e emocionante história, sob pena de morte se falhar no entretenimento do monarca. Ela e os narradores dos contos fantásticos assumem a postura de elaborar, ao redor da narração, toda uma significação que possa ser minimamente convincente ao interlocutor. O que difere Sherazade dos narradores-personagens dos contos fantásticos é que ela não precisa fingir que acredita em suas histórias, já eles precisam fingir... e tentar convencer os outros também.

Vale dizer, ainda, que esse subterfúgio de pôr um personagem para narrar pode ser substituído pelo ato de escrever o texto de uma carta (como em "O carro violeta") ou de um diário (como em "O retrato oval"), qualquer estratégia que permita a um personagem agir como testemunha ocular a relatar um fato – o qual o leitor não vivenciou – e tentar convencer o leitor (representado pelos convivas, pelo destinatário da carta, pelo próprio diário) de que tudo é a mais pura verdade. Ainda que ele não tenha certeza disso.

E esse é um ponto fundamental: o narrador não tem certeza de nada, mas tenta tornar seu relato convincente: argumenta que não está insano, não tem alucinações, que não sonha... porém é bem possível que esse narrador esteja em um desses três estados de consciência alterados. Mas o leitor (ou suas representações na narrativa) jamais poderá provar que o narrador delira, pois ele é a única fonte do que narra.

Nos contos da coletânea *Histórias de tirar o sono*, os narradores-personagens que assumem a narração do fantástico quase sempre são descritos como "moralmente confiáveis": são idosos sábios, militares de carreira, uma enfermeira estudada, um nobre... Não se deixe enganar, essa também é uma estratégia para tornar esse narrador mais confiável, da mesma forma que em um artigo de opinião são citados especialistas para tornar seus argumentos mais críveis – ainda que nem sempre o título de idoso sábio, médico, militar e nobre seja chancela para pesquisador, cientista etc.

5.3. A ESTRUTURA DO CONTO FANTÁSTICO

O conto é um gênero textual muito enxuto, cujo enredo tradicional é um pequeno estratagemas: começar devagar, colocar percalços, levar as dificuldades até o grau mais elevado e, então, desatar os nós. Isso se traduz nos seguintes elementos (que podem receber nomes diferentes): situação inicial, conflito, clímax e desfecho. A ação do conto percorre esses quatro elementos, que são manipulados pelo escritor a seu bel-prazer, de acordo com as finalidades que deseja atingir.

Você deve ter notado que o conto fantástico tem suas convenções: começa introduzindo um narrador, tornando-o confiável (ou não), e, por fim, esse narrador-personagem conta a sua história. Analisando essa tendência do ponto de vista do enredo, podemos dizer que a situação inicial do conto serve para, em poucas palavras, estabelecer a situação da narração, às vezes introduzindo o conflito.

O conflito que percorre o conto fantástico é sempre a dúvida, a incerteza: Há aqui um fantasma? Esse objeto é amaldiçoado? Aquela pessoa está influenciada por criaturas sobrenaturais? Tudo foi um sonho? Essas dúvidas são acrescidas de intensidade, até que se chega ao clímax, em que geralmente a história chega a um confronto com a verdade. No conto fantástico, a dúvida permanecerá – o narrador

pode dizer que enfrentou um fantasma, ou que viu um acontecimento insólito, mas a verdade é que só sabemos o que o narrador quer que saibamos, e a dúvida permanece.

É possível dizer que alguns escritores muito habilidosos, como Edith Nesbit e Edgar Allan Poe, façam da dúvida do narrador a dúvida do leitor; assim, não sabemos se o que o narrador diz ter visto ele realmente viu, nem podemos afirmar que essa suposição está correta ou não. O desfecho dos contos fantásticos é geralmente uma ratificação da dúvida, um acontecimento surpreendente chama a atenção do leitor, mas ele não responde à dúvida que percorre a história.

Em pelo menos um dos contos dessa coletânea vemos o fantástico render-se ao estranho, justamente por conta do desfecho da história. Em “O travesseiro de penas”, o mal que molesta a jovem, provocando-lhe uma doença, é definido como um parasita aviário. Isso não deve ser comum, não é a regra do mundo em que a história se insere, mas esse acontecimento explica o mistério.

5.4. O MICROCONTO E O COMPARTILHAMENTO ELETRÔNICO

O narrador inconcluso e o enredo de dúvida permanente estão presentes também nos minicontos, microcontos, nanocontos – narrativas ainda mais enxutas que o conto, algumas delas com 150 caracteres. Muitos deles terminam em uma questão, que pode ser marcada diretamente com o ponto de interrogação ou aparecer de forma implícita. Veja um exemplo:

O homem estava invisível, mas ninguém percebeu.

José María Merino. Disponível em: <https://www.revistabula.com/1787-30-contos-de-ate-100-caracteres/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

A narrativa é muito simples, o elemento sobrenatural nem sempre aparece de forma explícita também, mas ela é construída na relação do leitor com o texto e seu contexto. Principalmente se o leitor for conhecedor dos estratégias – e convenções – do conto fantástico e de terror, ele ficará surpreso, instigado, como se tivesse lido um conto de Edgar Allan Poe.

É curioso que uma estrutura tão curta possa oferecer tamanho impacto sobre o leitor; se observarmos com atenção, quase sempre o texto é composto de dois sintagmas, um nominal e outro verbal – a redução máxima da narrativa aos seus elementos essenciais: o personagem e a ação/o estado.

Outro aspecto interessante do microconto fantástico e de terror é que ele circula pela rede em mensagens instantâneas ou microposts, pois as redes sociais aceitam muito bem essa forma de entretenimento. Alguns deles podem se tornar memes colados às imagens de filmes consagrados ou das novidades do momento.

A mulher que amei se transformou em fantasma. Eu sou o lugar das aparições.

Juan José Arreola. Disponível em: <https://www.revistabula.com/1787-30-contos-de-ate-100-caracteres/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Meme é como é chamado um gênero textual multissemiótico e cibernético que associa imagem e texto (ainda que esse possa não aparecer), mas esse termo também se refere à memética (segundo conceito de Richard Dawkins), a difusão e o compartilhamento de informações de forma assíncrona na internet.

Esses microcontos pouco a pouco tomam as salas de aula, e nos materiais didáticos são experiências bastante produtivas para os estudantes: compor narrativas curtas com o máximo de precisão possível na escolha vocabular e na utilização da estrutura sintática.

A Base Nacional Comum Curricular apresenta como habilidade a ser desenvolvida pelos estudantes justamente o manejo dos memes e postagens na internet:

EM13LP17 – Elaborar roteiros para a produção de vídeos variados (*vlog*, videoclipe, videominuto, documentário etc.), apresentações teatrais, narrativas multimídia e transmídia, *podcasts*, *playlists* comentadas etc., para ampliar as possibilidades de produção de sentidos e engajar-se em práticas autorais e coletivas.

EM13LP18 – Utilizar *softwares* de edição de textos, fotos, vídeos e áudio, além de ferramentas e ambientes colaborativos para criar textos e produções multissemióticas com finalidades diversas, explorando os recursos e efeitos disponíveis e apropriando-se de práticas colaborativas de escrita, de construção coletiva do conhecimento e de desenvolvimento de projetos.

EM13LP19 – Apresentar-se por meio de textos multimodais diversos (perfis variados, *gifs* biográficos, biodata, currículo *web*, videocurrículo etc.) e de ferramentas digitais (ferramenta de *gif*, *wiki*, site etc.), para falar de si mesmo de formas variadas, considerando diferentes situações e objetivos.

É possível associar isso à compreensão de leitura, que pode favorecer a produção de microcontos e memes de literatura fantástica, seja por releituras dos clássicos, seja na produção autoral e autônoma dos estudantes. Por exemplo: quantas produções interessantes e diversas entre si poderiam surgir em uma sala de aula se os estudantes forem instigados a recriar “O travesseiro de plumas”, “Solange” ou “Dormir, dormir” como microcontos, respeitando as suas características textuais de conto fantástico?

6. SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

6.1. ANTOLOGIAS E CONTOS FANTÁSTICOS

- CALVINO, Italo. *Contos fantásticos do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MANGUEL, Alberto (Org.). *Contos de horror do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- POLIDORI, John William; SENA, Marina (Org.). *O vampiro* – edição comemorativa de 200 anos. São Paulo: Sebo Clepsidra, 2018. (Coleção Imaginário Gótico)

6.2. BIOGRAFIA DE AUTOR

- LUCCHETTI, R. F.; SCHLOESSER, Eduardo. *A vida e os amores de Edgar Allan Poe*. São Paulo: Sebo Clepsidra, 2018.

6.3. TEORIA DO CONTO E DO CONTO FANTÁSTICO

- CAMARANI, Ana Luiza Silva. *A literatura fantástica: caminhos teóricos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.
- MAGALHÃES, Sérgio. *5 autoras da literatura fantástica contemporânea para se conhecer*. Baião de Letras, Maceió, 2019. Disponível em: <https://www.baiaodeletras.com.br/5-autoras-da-literatura-fantastica-contemporanea-para-se-conhecer/>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007. (Coleção Debates, vol. 98)

6.4. FILMES E SÉRIES

- *Além da imaginação* (título original: *The Twilight Zone*). 20 episódios. Produção: Simon Kinberg, Jordan Peele e Marco Ramirez. EUA, Amazon Prime Video, 2019. (Classificação indicativa: 14 anos).
- *As boas maneiras*. Direção: Juliana Rojas e Marco Dutra. 135 min. Brasil, Dezenove Som e Imagem / Canal +, 2017. (Classificação indicativa: 14 anos).
- *Historietas assombradas* (para crianças malcriadas). Direção: Victor-Hugo Borges. 154 min. Brasil, Mayra Lucas/Paulo Boccato, 2012. (Classificação indicativa: livre).
- *O gato preto*. Direção: Christiane Fariah. YouTube, 2009. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=po_T90CthjI. Acesso em: 20 ago. 2020.

7. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA BNCC

Consulte aqui as competências e habilidades da BNCC mobilizadas nas atividades deste *Manual digital do professor*.

7.1. LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

Competência específica 1 – Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

Competência específica 2 – Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

Competência específica 3 – Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

Competência específica 4 – Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Competência específica 6 – Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Competência específica 7 – Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

EM13LP15 – Planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio-histórico mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades, à variedade linguística apropriada a esse contexto e ao uso do conhecimento dos aspectos notacionais (ortografia-padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre que o contexto o exigir.

EM13LP16 – Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.).

EM13LP17 – Elaborar roteiros para a produção de vídeos variados (*vlog*, videoclipe, videominuto, documentário etc.), apresentações teatrais, narrativas multimídia e transmídia, *podcasts*, *playlists* comentadas etc., para ampliar as possibilidades de produção de sentidos e engajar-se em práticas autorais e coletivas.

EM13LP18 – Utilizar *softwares* de edição de textos, fotos, vídeos e áudio, além de ferramentas e ambientes colaborativos para criar textos e produções multissemióticas com finalidades diversas, explorando os recursos e efeitos disponíveis e apropriando-se de práticas colaborativas de escrita, de construção coletiva do conhecimento e de desenvolvimento de projetos.

EM13LP20 – Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.

EM13LP21 – Produzir, de forma colaborativa, e socializar *playlists* comentadas de preferências culturais e de entretenimento, revistas culturais, fanzines, *e-zines* ou publicações afins que divulguem, comentem e avaliem músicas, *games*, séries, filmes, quadrinhos, livros, peças, exposições, espetáculos de dança etc., de forma a compartilhar gostos, identificar afinidades, fomentar comunidades etc.

EM13LP28 – Organizar situações de estudo e utilizar procedimentos e estratégias de leitura adequados aos objetivos e à natureza do conhecimento em questão.

EM13LP29 – Resumir e resenhar textos, por meio do uso de paráfrases, de marcas do discurso reportado e de citações, para uso em textos de divulgação de estudos e pesquisas.

EM13LP30 – Realizar pesquisas de diferentes tipos (bibliográfica, de campo, experimento científico, levantamento de dados etc.), usando fontes abertas e confiáveis, registrando o processo e comunicando os resultados, tendo em vista os objetivos pretendidos e demais elementos do contexto de produção, como forma de compreender como o conhecimento científico é produzido e apropriar-se dos procedimentos e dos gêneros textuais envolvidos na realização de pesquisas.

EM13LP31 – Compreender criticamente textos de divulgação científica orais, escritos e multissemióticos de diferentes áreas do conhecimento, identificando sua organização tópica e a hierarquização das informações, identificando e descartando fontes não confiáveis e problematizando enfoques tendenciosos ou superficiais.

EM13LP32 – Selecionar informações e dados necessários para uma dada pesquisa (sem excedê-los) em diferentes fontes (orais, impressas, digitais etc.) e comparar autonomamente esses conteúdos, levando em conta seus contextos de produção, referências e índices de confiabilidade, e percebendo coincidências, complementaridades, contradições, erros ou imprecisões conceituais e de dados, de forma a compreender e posicionar-se criticamente sobre esses conteúdos e estabelecer recortes precisos.

EM13LP33 – Selecionar, elaborar e utilizar instrumentos de coleta de dados e informações (questionários, enquetes, mapeamentos, opinários) e de tratamento e análise dos conteúdos obtidos, que atendam adequadamente a diferentes objetivos de pesquisa.

EM13LP46 – Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

EM13LP48 – Identificar assimilações, rupturas e permanências no processo de constituição da literatura brasileira e ao longo de sua trajetória, por meio da leitura e análise de obras fundamentais do cânone ocidental, em especial da literatura portuguesa, para perceber a historicidade de matrizes e procedimentos estéticos.

EM13LP49 – Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

EM13LP50 – Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.

7.2. CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Competência específica 1 – Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

Competência específica 4 – Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.

EM13CHS101 – Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

EM13CHS102 – Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

EM13CHS103 – Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

EM13CHS104 – Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

EM13CHS401 – Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

EM13CHS402 – Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

EM13CHS503 – Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos

8. BIBLIOGRAFIA COMENTADA

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a Base*. Brasília: MEC/CONSED/UN-DIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 19 ago. 2020.

Texto normativo e de referência para a Educação Básica em todo o território nacional.

CALVINO, Italo. *Contos fantásticos do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Apresenta informações sobre a origem e a caracterização do conto fantástico tanto na Itália como na França. Suas premissas teóricas são válidas para as ramificações desse gênero literário.

HUGO, Victor. *Do grotesco ao sublime*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

Victor Hugo traça um panorama da literatura romântica na Europa do século XIX. O debate estético, sobretudo sobre o grotesco e o sublime no neogótico, ajuda a traçar a gênese da literatura fantástica.

PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

O escritor e crítico literário apresenta um panorama interessante sobre estrutura e composição dos contos. Ainda que não aborde diretamente o conto fantástico, as informações sobre contos são bastante relevantes.

POE, Edgar Allan e outros. *Histórias fantásticas*. São Paulo: Ática, 1996. (Para gostar de ler, 21).

Essa antologia de contos fantásticos apresenta, além de textos de autores internacionais, autores brasileiros que se dedicaram ao gênero. A apresentação também traz informações bastante interessantes sobre o tema.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

Obra considerada uma das mais importantes referências no estudo dos gêneros literários narrativos, apresenta vários estudos bastante detalhados sobre gêneros e formas literários. Há um capítulo exclusivamente dedicado ao conto fantástico.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Utilizado aqui como exemplo de literatura que extrapola o fantástico, *A metamorfose* é um clássico romance da literatura internacional em que o estranho e o fantástico se misturam em uma trama que acompanha o jovem Gregor Samsa, metamorfoseado em inseto.